

HALBWACHS, Maurice. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 7, n. 21, pp. 633 a 658, dezembro de 2008.
TRADUÇÃO

A memória nos idosos e a nostalgia do passado*

Maurice Halbwachs

Parece bastante natural que os adultos absorvidos por suas preocupações atuais, se desinteressem de tudo o que, no passado, deixou de fazer sentido. Se eles deformam as recordações da infância não é precisamente porque se obrigam a entrar nos quadros do presente? Porém, este fato não se passa do mesmo modo com os idosos. Estes, cansados da ação, se desviam no sentido contrário do presente, e estão em condições mais favoráveis para que os acontecimentos passados reapareçam

* Este texto foi retirado do livro *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, Félix Alcan, 1925, pp. 91 a 98.

tal qual. Mas, se reaparecem, é porque estiveram sempre lá. E isso não é uma prova impressionante da conservação de lembranças que nós podíamos crer suprimidas?

“Cerca de trinta anos se passaram desde a minha saída de Bossey, escreveu Rousseau em *As Confissões*, sem que eu me recorde à estadia de uma maneira agradável através de lembranças vinculadas: porém, desde que passei da idade madura para a velhice, sinto que estas mesmas recordações reaparecem embora que outras se esvaecem, e se gravam na minha memória com características das que o encanto e a força aumentam dia a dia; como se, já sentindo a vida que me escapa, pretenda recobrá-la no seu princípio”.

Existem, no sentido dado por Bérghson, duas memórias: uma feita principalmente de práticas e que gira em torno da ação, e outra que, implicando em um determinado desinteresse sobre a vida presente, com efeito, levará a pensar que o velho, ao mesmo tempo em que se desvia do aspecto

prático dos objetos e seres, e que se sente liberado das dificuldades impostas pela profissão, pela família, e de uma maneira geral pela existência ativa na sociedade, se torna capaz de retornar ao seu passado e de revivê-lo na imaginação. “Se todo o nosso passado, disse Bérqson, nos segue sendo quase ocultado porque é inibido pelas necessidades da ação presente, encontrará a força de cruzar o limite máximo da consciência em todos os casos em que nos desinteressamos da ação eficaz para nos colocar de novo, dentro de certo ponto de vista, na vida do sonho”.

Porém, o ancião no momento em que menciona seu passado de menino, realmente, não sonha. É do adulto que se pode dizer que, quando o seu espírito, tendido para as realidades presentes, se afrouxa e se deixa ir segundo o declive que o conduz aos seus primeiros dias, se assemelha a um homem que sonha: porque existe em efeito o vivo contraste entre suas preocupações habituais e estas imagens disformes em relação ao solicitado a ele hoje em dia por sua atividade. Nem um, nem o

outro, contudo, sonham (no sentido em que definimos este termo): mas este tipo de sonho que, no adulto é uma distração, se converte no idoso em uma verdadeira ocupação. Não se limita, habitualmente, a esperar passivamente que as recordações se despertem, ele pretende precisá-las, interroga outros anciões, examina seus velhos papéis, suas antigas cartas, e, sobretudo, conta a outros do que se recordou, quando não se preocupa em fixar a recordação por escrito. Em resumo, o idoso se interessa pelo passado bem mais que o adulto, sem que siga que esteja em condições de mencionar mais lembranças deste passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que as imagens antigas, enterradas no inconsciente desde sua infância, só então “encontrem a força de cruzar o limite máximo da consciência”.

Compreenderemos melhor que razões despertam nele este novo interesse por um período de sua vida por muito tempo descuidada, se o colocarmos de novo na sociedade, da que não é mais um membro ativo, porém onde lhe é atribuído

sem dúvida um papel. Nas tribos primitivas, os anciãos são os encarregados das tradições, não apenas porque as receberam antes dos outros, mas também seguramente porque dispõem unicamente do ócio necessário para fixar os detalhes durante as entrevistas com os outros velhos, e para ensiná-las aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também, se considera um idoso devido a sua vasta experiência e lembranças, e pelo muito tempo já vivido. Porque, deste modo, os homens velhos não se interessariam apaixonadamente por este passado, tesouro comum cujos depositários se constituem, e não se esforçariam por exercer em plena consciência a função que lhes confere o único prestígio ao qual podem mais tarde almejar? Certamente não questionamos que haja para um homem chegado ao final da vida, uma suavidade, acompanhada de um pouco de amargura e pesar, tanto mais penetrante que se mescla à ilusão de escapar dos ataques do tempo e reconquistar pela imaginação o que a realidade não pode dar mais, para lembrar-se do que se foi, as alegrias e as dores,

a gente e as coisas que foram uma parte de nós-mesmos. Porém, este tipo de satisfação, de ilusão e transfiguração, todos são capazes, independentemente de sua idade, e não são apenas os velhos que necessitam ocasionalmente deste refúgio que oferece a lembrança. Teremos em outro lugar de procurar como se explica esta predileção específica para o passado à qual ninguém escapa em certos momentos, e que determina uma exaltação aparente e temporal da memória no homem jovem e no adulto, como no ancião. Não é menos certo que a sociedade, ao assinalar aos idosos a função de conservar os vestígios do seu passado, os estimula a consagrar tudo o que neles permanece de energia espiritual por lembrar-se. Se ela engana às vezes àqueles que tomam seu papel demasiado a sério, e abusam do direito que a velhice possui de recontar-se, é porque toda a função social tende a exagerar-se. Se si escuta demasiado os conselhos da experiência, não se iria em frente. Porém, os homens velhos que sensíveis a tais engodos temem que os vejam como a ponto de recair na infância, e

de que falem de que estão tornando-se crianças, se calam, e preocupam-se, apenas, de se pôr ou de permanecer próximos aos adultos, exercem mal uma função para a qual já não mais estão adaptados, e, sinceramente, não cumprem a sua tarefa, eles mereceriam que a eles dirigissem, transpondo-os, a mesma reprovação de Calicles a Sócrates: “Quando vejo uma criança balbuciando e brincando, é forte à vontade, e acho gracioso nobre e decente a esta idade... Se é um homem que balbucia ou que se vê a brincar, logo julgo ridículo e indecente para esta idade e digno de chicote”. Assim, em resumo, se os idosos se inclinam sobre o passado mais que os adultos, não é porque existe nesta idade um mar ascendente de lembranças: eles não possuem mais lembranças de sua infância de que quando eram adultos: porém sentem que, na sociedade, não possuem nada melhor a fazer agora do que utilizar, para reconstituir o passado, todos os meios, dos quais sempre dispuseram, mas que não tiveram nem o tempo, nem o desejo de empregar.

É natural enquanto o quadro que nos oferecem deste passado se encontre um tanto desfigurado, na medida em que, no momento em que o reconstituem, não julgam imparcialmente o presente. Este trabalho de reconstrução se efetua, simultaneamente, sob a influência de toda a sociedade e sob a pressão dos prejulgamentos e preferências da sociedade dos idosos. Mas não é mais do que um fato mais geral de que devemos abordar agora. Não apenas os velhos, porém o conjunto dos homens (de forma desigual, bem entendido, segundo a idade, o temperamento, etc.) adota instintivamente, em relação ao tempo passado, a atitude dos grandes filósofos gregos que punham a idade de ouro não no fim do mundo, mas no início. Mesmo que haja períodos de nossa existência que teríamos eliminado de bom grado, embora não tivéssemos certeza de que gostaríamos de recomeçar a nossa vida em sua totalidade, por uma espécie de miragem retrospectiva uma grande parte de nós persuade que o mundo de hoje em dia é mais incolor, menos interessante que o anterior,

em especial em relação aos dias de nossa infância e de nossa juventude. Quase todos os escritores que escreveram as impressões dos quinze ou vinte primeiros anos falam da gente e das coisas que viam e conheciam então, e mesmo sobre eles, sobretudo, com ternura. Todos não tiveram uma infância feliz, mesmo que tenham conhecido cedo a miséria abjeta, a brutalidade dos homens, a sua maldade e a sua injustiça, mesmo que tenham sido comprimidos duramente nas suas aspirações, ou, ainda, desviados e deformados por uma educação absurda. Ali tem que falar dos seus pais sem indulgência e, mesmo, com uma hostilidade e um ódio não disfarçados. Rousseau, ele mesmo, após relatar uma injustiça de que foi vítima por 10 anos, declara: “Este foi o término da serenidade de minha vida infantil. A partir deste momento deixei de gozar de uma felicidade pura, e sinto hoje em dia mesmo que a lembrança dos encantos de minha infância se detém ali”. Porém, no geral, e apesar das queixas, dos pesares e revoltas tenazes contra o que os acontecimentos trazem considerados na sua

crua realidade, nos entristeça, nos indigne, ou mesmo nos terrifique, parece que tudo isso, o efeito que tudo isso produz devia ser atenuado singularmente pela atmosfera vivificante que ele respirava então. Sobre os aspectos mais obscuros da existência parece que se arrastavam nuvens que os envolviam a metade. Este mundo distante, de onde recorda ter sofrido, não exerce menos uma atração incompreensível sobre o que houve e que parece ter deixado lá, e procurar nele, agora, a melhor parte de si mesmo. É porque, e sob reserva de algumas exceções, podemos dizer que a grande maioria dos homens é sensível, em momentos mais ou menos freqüentes, ao que se poderia chamar de nostalgia do passado.

De onde vem esta aparência ilusória? Mas, de início, é uma ilusão? Como disse Rousseau, a criança e o jovem homem, fracos absolutamente, são fortes relativamente, e mais fortes que o adulto, embora suas forças superem suas necessidades. Esta plenitude de vida implica uma plenitude de impressões. Quando somos mais velhos, e sentimos

em nós suficiente energia orgânica, solicitados em distintos sentidos por todos os interesses que nascem da vida social, devemos limitar-nos. Às dificuldades do exterior se acrescentam as que devemos nos impor. Nossas impressões apenas se dobram as formas impostas pela vida social sob a condição de perder uma parte de sua matéria. O pesar da natureza na sociedade, aí está onde se restabeleceria essencialmente a lamentação da infância no adulto.

Mas, de início, isto supõe que a lembrança de nossas impressões orgânicas antigas é bastante forte para poder aproximá-la de nossas sensações orgânicas atuais. No entanto, nada escapa mais à tomada de nossa memória do que o sentimento que tínhamos antes de nosso corpo. Por reflexão, em uma série de comparações objetivas, conseguiríamos nos garantir de uma diminuição de nosso tom vital. Contudo, uma comparação abstrata não explicaria o que não é um pesar refletido, senão um estado emocional profundo, um sentimento vivo e frequentemente pungente. Por outro lado, na

ordem das valorizações sociais, a exuberância das forças físicas, a espontaneidade e a riqueza das sensações não passam para o primeiro plano: junto ao que perdemos, a sociedade nos representaria o que adquirimos por ela, e nos obrigaria a preferi-lo.

Dir-se-á, então, que o lamento do passado descansa, com efeito, sobre uma ilusão, que é o trabalho da memória, ou mais exatamente, da imaginação. Após Bérqson, as lembranças reaparecem na medida em que podem guiar a nossa ação: neste sentido nos seria também útil recordar os acontecimentos infelizes como as circunstancias agradáveis da nossa vida passada. Não obstante, no caso do sonho, não é a ação, é o sentimento que chamaria as lembranças. No entanto, existem muitos sentimentos tristes, e outros suaves e alegres. Porém, é útil alimentar e aumentar estes e de reduzir e dissipar aqueles. É porque tomamos por hábito, sempre que nos encontramos em uma disposição emocional feliz, eleger em nossa memória as imagens que lhe são conformes, apenas reter destas imagens o que nos é agradável de

considerar: é porque o sonho é uma seqüência de idéias e imagens agradáveis, geralmente. Existem muitos sonhos tristes, ocorre que um sentimento doloroso nos leve a evocar lembranças que o mantém; porém, conseguimos geralmente distrair bem rapidamente nosso pensamento, por uma espécie de instinto vital que os descarta de tudo o que diminui ou absorve inutilmente as nossas forças, exceto nos casos quase patológicos. Assim se explicaria que esqueçamos os aspectos dolorosos do passado; é assim como a paixão amorosa transfigura a lembrança do ser amado, e não retém o que pode mantê-lo ela mesma.

Porém o sonho, mesmo quando composto, sobretudo, ou exclusivamente de lembranças, não se confunde com a memória. Ou melhor, o sonho como acabamos de defini-lo se distingue da forma da memória que Bérghson designa às vezes com o mesmo nome. Ele entende por efeito por isso não um arranjo e uma seleção de imagens-lembranças, mas a série cronológica destas imagens, tal como se conservam, após o sonho, na memória. Logo que a

imaginação se apodera destas lembranças, e as modifica para fazer a matéria do sonho agradável, as transforma em lembranças-hábitos, as translada em todo caso de sua série cronológica: não alcança realmente (na hipótese de Bérghson) até esta série, que permanece imutável, e contem todos os nossos estados, felizes ou tristes, independentemente do trabalho de eliminação ou de depuração no qual a imaginação entrega-se sobre ela. Se si declara agora que esta distinção importa pouco, que os homens, com efeito, quando evocam o passado, não para utilizá-lo, mas para revivê-lo, também não atingem esta última camada das imagens-lembranças, que se realizam no sonhar o passado, (no sentido que acabamos de dizer), responderemos que não existe, portanto, razão para admitir a conservação das imagens-lembranças no último plano da memória, dado que não serve para nada, e que o sonho não é mais do que um caso, entre outras coisas, de reconstrução de lembranças a partir do presente, e pelo jogo das noções e

percepções que preenchem atualmente a consciência.

Compreenderemos melhor a natureza desta operação deformativa que se exerce sobre o passado, talvez, legitimamente, na ocasião do sonho, se não esquecermos que, mesmo no momento em que nossa imaginação o reproduz, ele permanece sob a influência do meio social presente. Em um sentido, a memória contemplativa ou a memória-sonho nos ajuda a sair da sociedade: é um dos raros momentos em que conseguimos nos isolar completamente, já que nossas lembranças, particularmente as mais antigas, são bem nossas, e que os que poderiam lê-las em nós, da forma como nós mesmos o fazemos, ou desapareceram, ou se dispersaram. Contudo, se nos ocultamos deste modo da sociedade dos homens de hoje em dia, é para nos encontrar no meio de outros seres e em outro entorno, já que nosso passado se povoa das figuras dos que conhecemos. Neste sentido, não se escapa de uma sociedade a não ser na condição de opor a ela outra. Será belo ganhar a

solidão, para tentar na natureza as consolações ou igualmente a indiferença que nossos semelhantes nos recusam: não nos prenderá e não nos reterá; não nos fornecerá o que esperamos dela, mesmo se cremos reencontrar nela os vestígios de humanidade, quer seus aspectos concordem com nossos sentimentos, ou que a povoemos de seres metades reais e metades imaginários.

Deste modo, quando o homem crer encontrar-se só, frente a frente consigo mesmo, outros homens surgem, e, com eles, os grupos a que estão destinados. Nossas sociedades modernas impõem ao homem muitas dificuldades. Sem exercer sobre ele, com a mesma força, a mesma pressão unilateral que as tribos primitivas sobre seus membros penetram, contudo, e se insinuam no mais fundo de si mesmo, pela multiplicidade e pela complexidade das informações de qualquer tipo que o envolve. Aparentam, obviamente, respeitar a sua personalidade individual. Desde que pague com seus deveres essenciais, é livre para viver e para pensar a seu modo, formar as suas opiniões da

forma como melhor entender. A sociedade parece pairar no limiar de sua vida interior. Porém sabe efetivamente que, inclusive, evade-se dela apenas aparentemente, e que, é nesse momento, onde parece pensar menos nela, que se desenvolvem melhor nele as qualidades de homem social.

Quais são os traços principais que distinguem a sociedade atual daquilo de onde retornamos em pensamento? Em primeiro lugar, não se impõe a nós, e somos livres para mencioná-lo quando quisermos, e para eleger, com antecedência, o período para o qual nos transportamos. Dado que as pessoas que conhecemos em diferentes épocas ou não eram as mesmas, ou não apresentavam o mesmo aspecto, depende de nós escolhermos a sociedade em meio a qual é conveniente nos reencontrar. Embora que, na sociedade atual, nosso lugar se determina bem, e, com ela, o tipo de dificuldades que sofremos, a memória nos dá a ilusão de viver em grupos que não nos aprisiona, e que apenas se impõem a nós à medida que os aceitamos. Permanece sempre,

porém, o recurso, de que se certas lembranças nos obstruem e nos são um fardo, opuser-lhes o sentimento de realidade inseparável da nossa vida atual. Porém se pode ir mais longe. Não apenas podemos nos mover discretamente nestes grupos, e de um a outro, mas no interior de cada um deles, desde que decidimos permanecer em pensamento, não encontramos no mesmo grau este sentimento de constrangimento humano que percebemos com intensidade hoje em dia. Isso vem de que os homens que nos recordamos não existem mais, ou, encontrando-se afastados, de forma mais ou menos, não nos representam mais do que a uma sociedade morta, e em todo caso, uma sociedade distinta da de onde vivemos e na qual a maior parte dos comandos está extinto. Existe incompatibilidade sob vários aspectos entre os constrangimentos de antes e os de agora. Resulta que não representamos mais que de forma incompleta e imperfeita aquelas. Podemos evocar lugares e tempos diferentes do lugar e do tempo que estamos, porque remetemos uns e outros para um quadro que totalmente os

encerra. Porém, como poderiam sentir ao mesmo tempo constrangimentos de ordem social que não se atribuem? Aqui, apenas existe um marco que conta: o que está constituído pelos comandos da sociedade atual, e que excluem necessariamente outros. Entre eles os homens se estabelecem e se mantêm através das relações de amizade e solidariedade. São também, uns frente aos outros, competidores: com muitos sofrimentos, temores, hostilidades e ódios. Porém, a concorrência atual substituiu a anterior; sabemos que uma e outra são incompatíveis. Os homens de hoje em dia nos preocupam para o futuro imediato ou distante: podemos esperar muito bem, e também muito mal, bem e mal, de outra parte, indefinidos. Homens de antes, cuja vida e atos se imobilizam agora em um marco bem definido, podemos provar a boa e a má vontade: porém, não esperamos já nada deles: não evocam em nosso espírito nem inquietude, nem rivalidade, nem desejo. Podemos não amá-los; não podemos, contudo, os detestar. Finalmente, os aspectos mais dolorosos da sociedade de outrora

são esquecidos, porque o constrangimento é sentido apenas enquanto é praticado, e que, por definição, um constrangimento passado deixou de ser exercido. Mas cremos que o espírito reconstrói suas lembranças segundo a pressão da sociedade. Não é estranho que esta o determina a transfigurar deste modo o passado a ponto de lamentá-lo? Rousseau disse da religião cristã que: “Longe de ligar os corações dos cidadãos ao Estado, os translada como todas as coisas da terra: não conheço nada mais contrário ao espírito social”. Não dirão a nossa volta: o culto do passado, longe de ligar os corações dos homens à sociedade, os translada: não existe nada mais contrário ao interesse da sociedade? Mas, primeiro, embora à vida terrestre o cristão prefira outra que, para ele é ao menos tão real quanto esta e que ele coloca no futuro, o homem sabe efetivamente que o passado não existe mais, e se vê obrigado a adaptar-se unicamente ao mundo real, que é onde vive agora. Retorna-se em direção ao tempo desaparecido apenas por intermitências, e não se tem nunca muito tempo.

Por outra parte, como não ver que se o homem continuasse, na sociedade, como em um meio tenso, se o seu horizonte se limitasse ao conjunto de seus contemporâneos, e mesmo dos seus contemporâneos que o rodeiam sem a preocupação de se impor perpetuamente a ele para ajustar-se aos seus hábitos, seus gostos, suas crenças e seus interesses, ele poderia inclinar-se ante as leis sociais, porém as suportaria como uma dura e contínua necessidade, e, apenas prevendo na sociedade um instrumento de dificuldade, nenhum impulso generoso e espontâneo o levaria em direção a ela? Não é, por conseguinte, mau que, quando se descansa da ação e volta-se, à maneira de um viajante, para reconhecer o caminho que percorreu, exista uma coisa qualquer de cansaço, que o esforço, a poeira levantada e a preocupação de chegar a tempo e ao objetivo lhe impediam de contemplar. Dirão que tal visão, de um ponto de perspectiva ligeiramente mais afastado, se ajusta mais à realidade? Pode ser. Quando julgamos mais tarde os que foram nossos companheiros, nossos

amigos, nossos pais, somos às vezes mais justos para com eles. A sociedade, na atualidade, só nos revela, talvez, seus aspectos menos atrativos: é apenas a prazo, pela reflexão e pela lembrança, que nossa impressão se modifica. Descobrimos que os homens nos amavam ao mesmo tempo em que nos coagiam. O conjunto dos seres humanos não é senão uma realidade mais forte de nós mesmos, uma espécie de Moloch¹ espiritual que nos reclama o sacrifício de todas as nossas preferências individuais: existe a fonte de nossa vida emocional, nossas experiências e nossas idéias, e existem também uma amplitude e uma profundidade de altruísmo que não suspeitávamos. Durkheim viu e distinguiu bem estes dois aspectos da sociedade. Se ele insistiu no início sobre o aspecto da coerção, é que no principiar de uma ciência se faz necessário definir provisoriamente os fatos a firmar, exteriores e fáceis de apreender. Como o sentimento de

1 - Na tradição bíblica, Moloch é um deus da tribo dos Amonitas, uma das etnias de Canaã, que exigia o sacrifício dos seus recém-nascidos e para o qual eram lançados vivos em uma fogueira permanentemente acesa (NdoT).

alegria expressa, quando se desprende no homem de ação da sociedade, existe uma coincidência e fusão parcial entre as tendências individuais e o costume social, e nos sentimentos de dor ou de constrangimento, ao contrário, existe entre eles uma oposição pelo menos parcial, que reconhecem os fatos sociais que se impõe a nós e nos coagem. Mas Durkheim reconheceu que não há prática coletiva que não exerça sobre nós uma dupla ação, que as forças sociais se orientam frequentemente no sentido de nossos desejos, e que em todo caso eles aumentam e enriquecem nosso ser individual em todas as maneiras de sensibilidade e em todas as formas de pensamento que tomamos de empréstimo aos outros homens. É bastante natural que, quando os sentimentos de constrangimento desaparecem, tudo o que havia de benéfico no nosso contato com os grupos humanos surja, a ponto de, nesses momentos, descobrirmos a extensão da nossa dívida em relação aos homens que se misturaram à nossa vida, e quase lamentamos não a termos reconhecido quando

ainda tínhamos tempo. Deste modo, em um sentido, o quadro que reconstruímos do passado nos dá uma imagem da sociedade mais de acordo com a realidade. Porém, em outro sentido, a forma como esta imagem deveria reproduzir a percepção antiga é inexata: é incompleta, na medida em que se reduzem as características desagradáveis que a embaralham ou, a sobrecarregam, já que a ela se acrescentam algumas novas características que não observávamos. De todo caso, interessa a sociedade em descobrirmos assim, a partir de uma visão retrospectiva, os tesouros da benevolência que carrega, mas que são contidos enquanto tiver necessidade de afirmar a sua autoridade. Compreende-se que nos convida a esquecer a aspereza da concorrência como os rigores das leis no passado, agora que nem os competidores, nem as obrigações são as mesmas. Porque, embora os homens memorados não se confundam com aqueles com os quais nos chocávamos e que estávamos lado a lado a cada dia, ambos participam da natureza humana, e é uma mesma sociedade

contínua que os compreende. Dobramo-nos às suas durezas e a perdoamos, na medida em que se cremos lembrar que no passado ela nos poupou. Apreende os homens de uma forma às vezes tão brutal, que podem ser levados a desinteressarem-se e se desviarem. A respeitirão, ao contrário, e se ligarão nela tanto que reencontrarão a imagem idealizada nos hábitos e nas maneiras antigas de viver, hoje desaparecidos. Homens que apenas pedissem à memória para iluminar a sua ação imediata e para que o prazer puro e simples de evocar o passado não existiria porque se pintaria a seus olhos as mesmas cores do presente, ou, simplesmente, porque seriam incapazes e não possuiria em nenhum grau o sentido da continuidade social. É porque a sociedade obriga aos homens, de vez em quando, não apenas a reproduzir em pensamento os acontecimentos anteriores de sua vida, mas também retocá-los, cortá-los, complementá-los, para que convencidos, no entanto, de que as suas lembranças são exatas,

dêem a elas um prestígio que não possuía na realidade.

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury